

'Meu nome está à disposição do País'

Geraldo Magela

O senador José Sarney (PMDB-AP) diz estar pronto para enfrentar uma campanha e disputar a eleição para a Presidência em 98. Embora o presidente Fernando Henrique já tenha convidado seu partido para apoiá-lo na candidatura à reeleição, Sarney acha que o PMDB não pode deixar de ter um candidato próprio e faz questão de frisar que também está na briga.

O senhor está mesmo decidido a concorrer na eleição presidencial?

- Eu tenho responsabilidade, já fui presidente da República e possuo uma vasta carreira política. Não tenho compulsão pela presidência da República e nem essa ambição pessoal, mas meu nome está à disposição e a serviço do País e do meu partido. Acho que o PMDB tem um programa, uma tradição e não pode deixar de colocar suas idéias e ter um candidato.

Embora o senhor já tenha dito que pode ser candidato, parece persistir uma impressão de que sua afirmação não é verdadeira. Há inclusive quem diga no PMDB que o senhor está mantendo sua candidatura apenas



Sarney: "PMDB precisa ter candidato"

com o propósito de ter mais cacife para negociar o apoio de Fernando Henrique à reeleição da governadora Roseana Sarney.

- Os votos do povo maranhense, que sempre foi muito independente, não são do governo federal nem de Fernando Henrique. O governo de Roseana tem 92% de aprovação popular. Ela não precisa disso. Dizer isso é fazer um julgamento menor sobre os votos do Maranhão e quem os dá.

Se o ex-presidente Itamar Franco decidir entrar no PMDB para concorrer ao Planalto, qual será sua posição? O se-

nhor o apóia ou disputa com ele na convenção?

- Desejo que Itamar entre no PMDB e aguardamos sua decisão com muita ansiedade. Se fizer isso e for candidato terá meu apoio.

O que o senhor achou do anúncio da candidatura do ex-ministro Ciro Gomes?

- Não acho nada e continuo sendo candidato independentemente do que ele fizer.

Há quem diga que seria mais fácil unir os partidos de centro-esquerda se Itamar Franco fosse candidato. O que o senhor acha disso?

- Acho que isso não é verdadeiro. Não tenho problema com os partidos de esquerda.

O senhor não está achando um pouco precipitada a corrida pela eleição de 1998?

- Acho. Um ano antes, ninguém pode prever o que vai ocorrer. A eleição de Fernando Collor, em 1989, foi apenas um dos exemplos da volatilidade do quadro partidário no País. Se dependesse de mim não anteciparíamos a sucessão. Digo isso também para Fernando Henrique, que fez parte do processo que motivou essa precipitação.